



FOTOS ETNOGRÁFICAS COMO PRÁTICA DE PESQUISA NA PANDEMIA - O QUE DIZEM AS IMAGENS?

ETHNOGRAPHIC PHOTO AS A RESEARCH PRACTICE IN THE PANDEMIC - WHAT DO THE IMAGES SAY?

LA FOTOGRAFÍA ETNOGRÁFICA COMO PRÁCTICA DE INVESTIGACIÓN EN LA PANDEMIA - ¿QUÉ DICEN LAS IMÁGENES?

Juliana Braga Teperino¹

RESUMO

O presente trabalho busca dialogar, através das imagens feitas pela etnografia no campo de pesquisa Quilombo Cafundá Astrogilda, e a partir de uma nova percepção (MAGNANI 2009), onde observaremos não só o campo, mas o que está por trás dele, tentando entender como um pesquisador inicia uma pesquisa, em um momento que somos todos atravessados pela pandemia causada pelo vírus da Covid-19 e mesmo com todas as medidas de precaução orientadas pela OMS, o que se torna possível, o que temos de palpável, o que muda não somente na nossa prática, mas na forma como nos relacionamos com o campo, com as fotos e com nós mesmos? talvez, uma movimentação parecida com a descrita acima pelo autor. Como se trata de uma pesquisa que está dando seus primeiros passos, não garantimos que todas as perguntas sejam respondidas, mas que as imagens possam reverberar pensamentos e ideias outras sobre o nosso ofício de ser pesquisador em tempos tão desafiadores.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Infância; Pandemia.

ABSTRACT

The present work seeks to dialogue, through the images made by ethnography in the Quilombo Cafundá Astrogilda research field, and from a new optical (MAGNANI 2009), where we will observe not only the field, but what is behind it, trying to understand how a researcher starts a research, at a time when we are all crossed by the pandemic caused by the Covid-19 virus and even with all the precautionary measures guided by the WHO, what becomes possible, what is tangible, what changes not only in our practice, but in the way we relate to the field, to the photos and to ourselves? Perhaps, a movement similar to the one described above by the author. As this research is taking its first steps, we do not guarantee that all questions will be answered, but that the images can reverberate other thoughts and ideas about our job of being a researcher in such challenging times.

Submetido em: 18/06/2021 – **Aceito em:** 25/06/2021 – **Publicado em:** 12/07/2021

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018). Atualmente sou professora EBT substituta no Colégio Universitário Geraldo Reis da Universidade Federal Fluminense e sou Mestranda em educação no PoPEd/UERJ, como bolsista CAPES e com a orientação da professora Maristela Gomes de Souza Guedes. Também fui bolsista Proatec e de Extensão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudo e desenvolvo artigos na área de Educação, com ênfase em infância descoloniais.

KEYWORDS: Ethnography; Childhood; Pandemic.

RESUMEN

En el presente texto buscamos dialogar, a través de las imágenes realizadas por la etnografía en el campo de investigación Quilombo Cafundá Astrogilda, y desde una nueva mirada (MAGNANI 2009), donde observaremos no solo el campo, sino lo que hay detrás de él, intentando entender como un investigador inicia una investigación, en un momento en el que todos estamos atravesados por la pandemia provocada por el virus Covid-19 e incluso con todas las medidas de precaución guiadas por la OMS, ¿qué se hace posible, qué es tangible, qué cambia no solo en nuestra práctica, sino en la forma en que nos relacionamos con el campo, con las fotos y con nosotros mismos? quizás, un movimiento similar al descrito anteriormente por el autor. Esta investigación está dando sus primeros pasos, así no garantizamos que todas las preguntas serán respondidas, pero que las imágenes pueden reverberar otros pensamientos e ideas sobre nuestra investigación en tiempos tan desafiantes.

PALABRAS CLAVE: Etnografía; infancia; pandemia.

“Fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, o olho e o coração”

Henri

Cartier-Bresson



Figura 1: “Mudança dos frutos”

Fonte: Juliana Teperino, Quilombo Cafundá Astrogilda, 2 de junho de 2021.



Cristiano Sant’Anna (2019, p. 2) nos exemplifica as formas de existências e significações que uma imagem pode adquirir.

Cotidianamente, milhares de imagens são produzidas e circulam todos os dias nos vários meios de comunicação, [...] Imagens estão, o tempo todo, à nossa volta, e constituem um dos mais importantes modos pelos quais vemos, aprendemos, pensamos, narramos e tecemos o presente.

Relacionar-se com as imagens, na perspectiva de um Fotoartigo de acordo com o autor, sugere que nós, as pessoas que capturam o momento estejam assim como diz Bresson, com a cabeça, o olho e o coração em uma linha que seja capaz de contar também histórias.

Essa é uma parte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no grupo Kékeré/PropED-UERJ, que através da “cosmopercepção busca uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais.” (OYĖWUMÍ, Oyèrónkẹ, 2002) dedicando suas vivências reflexivas de mundo às crianças que não foram submetidas ao projeto colonial de morte. Ou seja, crianças de Terreiros, indígenas, quilombolas e ciganas.

Em uma manhã de maio, conhecemos Sandro Da Silva Santos, responsável pelos contatos do Quilombo Cafundá Astrogilda, que de imediato aceita nos receber por uma vídeo chamada e nos conta que todos os moradores da comunidade estão vacinados. Entre algumas histórias e outras, ele nos passa o contato de Maria Lúcia, liderança feminina responsável pela escola quilombola e, também, por nos abrir as portas dessa pesquisa.

A foto “Mudança dos frutos” acontece no exato momento em que decidimos em conjunto, minha orientadora Stela Caputo e eu, ir à campo. Chegamos e enquanto esperávamos Maria, fomos andar pelo local, observando as plantas, quando me deparo com este fruto que ainda não descobri o nome, mas me proporcionou a reflexão de que tudo está a se renovar todo o tempo, assim como os pequenos frutos verdes um dia se tornarão os grandes frutos vermelhos, nós precisaríamos, dentro da medida do possível, nos adaptar a situação que estava à nossa volta e dar continuidade ao ciclo da vida.

Continuidade carregada de muita incerteza e medo. Incerteza pelas mudanças causadas nas vidas das pessoas pela pandemia, - como essas pessoas se relacionariam conosco, como esse vírus estaria afetando suas vidas? Como nós, nos colocaríamos em campo nesse momento de imensa dor, em meio a sorte de estarmos vivos, mas perdendo tantas pessoas queridas?

Acerca da imagem, etnograficamente, Magnani (2009, p.4) nos convida a refletir:

[...] A cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores [...] em

sua complexa rede de interações, trocas e conflitos. Esse resultado, sempre em processo, constitui, por sua vez, um repertório de possibilidades que, ou compõem o leque para novos arranjos ou, ao contrário, surgem como obstáculos. Cabe à etnografia captar esse duplo movimento

Para a pesquisa que se inicia, o objetivo é não somente conhecer, mas também refletir com o campo e através das etnografias como são as infâncias quilombolas, como as crianças se relacionam com esse lugar, buscando compreender um pouco mais como entendem, expressam e significam suas compreensões de infância, pertencimento cultural e histórico, bem como suas preocupações e suas esperanças frente “a toda invisibilização a que são submetidas pelo Estado” (ANACLETO, Márcia, 2020.). Nesse sentido, nos ajudará a etnografia a articular seus cotidianos, suas experiências, com a cultura vivenciada por elas: o quilombo. Também priorizaremos infâncias de um tempo passado, distante, na tentativa de que suas narrativas nos ajudem a entender o contexto histórico desse lugar.

“Se suas fotos não são boas o suficiente, é porque você não chegou perto o suficiente.”

Robert Capa



Imagem 2: “Fotografar histórias. De perto?”

Fonte: Juliana Teperino

O que é chegar perto? fisicamente estávamos impedidas de nos aproximar das pessoas por medidas de segurança, então, decidimos nos colocar em aproximação através da atenção, do olhar sensível e da escuta atenta a tudo que nos aparecia. Ainda no começo de nossas caminhadas prestávamos atenção em tudo o que estava acontecendo como forma de tentar guardar na memória cada pedacinho que ia se mostrando aos nossos olhos mesmo quase

cobertos pelas máscaras e câmeras, como se eles estivessem, de alguma forma, nos contando uma parte do que poderia ser uma longa história. Maria Lúcia é a pessoa quilombola que não só nos recebe, mas através da oralidade, nos conta cada pedacinho de história desse lugar. No texto, “A palavra, memória viva na África” Amadou Hampaté Bâ, exemplifica como se desdobra e a importância desse movimento da oralidade:

A tradição oral é a grande escola da vida, recobrando e englobando todos os seus aspectos. [...] Na verdade, o espiritual e o material não se dissociam na tradição oral que, se colocando ao alcance dos homens, fala-lhes segundo suas aptidões. É ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação de ofício, história, divertimento e recreação, e cada minúcia sempre pode ajudar a remontar à Unidade primordial. (BÂ, 2010, p.1)

A partir da oralidade, conhecemos a história do Quilombo Cafundá Astrogilda, através do avô de Maria, essa da foto. Sua família tinha um Terreiro de Umbanda, onde ele psicografava receitas com plantas medicinais para ajudar as pessoas que precisavam. Também nos foi relatado, que infelizmente, por conta do racismo, esse Terreiro não existe mais e apesar do resgate histórico, cultural e ancestral feito por Maria o racismo ainda persiste. A presença da igreja católica é forte e no momento da foto, ela nos contava sobre sua construção. A seguir, mais algumas fotos que compõe essa etnografia serão disponibilizadas, onde descobrimos nossos primeiros vestígios de infâncias e novas formas de pesquisar, sem relato, com o objetivo de que não somente falem por si só, mas reverberem reflexões do que é ser um pesquisador em tempos tão difíceis



Imagem 3: “Descobrimos os primeiros vestígios de infâncias”

Fonte: Stela Caputo, Quilombo Cafundá Astrogilda



Imagem 4: “Vestígio”

Fonte: Juliana Teperino, Quilombo Cafundá Astrogilda



Imagem 5: “Urucum do quintal da Nina”

Fonte: Juliana Teperino, Quilombo Cafundá Astrogilda



Imagem 6: “Minutos antecedentes a fuga das galinhas”

Fonte: Juliana Teperino, Quilombo Cafundá Astrogilda



Imagem 7: “Entre panos e varais, o cotidiano.”

Fonte: Juliana Teperino, Quilombo Cafundá Astrogilda



Imagem 8: “Entre panos e varais, o cotidiano.”
Fonte: Stela Caputo, Quilombo Cafundá Astrogilda

REFERÊNCIAS

BÂ, A. Hampaté. **A palavra, memória viva na África**. 2010

CAPUTO, Stela Guedes; SANT’ANNA, Cristiano **ETNOGRAFIAS E AUDIOVISUALIDADES NAS PESQUISAS COM CRIANÇAS**. Rio de Janeiro. 2021

SANT’ANNA, Cristiano. **A FORÇA ANCESTRAL FEMININA NO MAR DE IEMANJÁ - UM FOTOARTIGO**. Redoc Rio de Janeiro v. 3 n.3 p. 271 Set/Dez 2019 2019

MAGNANI, José Guilherme. **ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA**. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009~b

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: **Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.